

# EPÍLOGO

Este livro consiste na tese de doutoramento que defendi no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo no ano de 2017. Ou seja, há cinco anos. Daquele momento até o presente dei continuidade a uma agenda de pesquisas sobre segregação racial em cidades brasileiras, alcançando alguns novos achados que mencionarei a seguir.

No principal desdobramento desta pesquisa, foram comparadas as características da segregação por raça em nove das dez maiores regiões metropolitanas brasileiras (França 2022). Reproduzimos na tabela abaixo os resultados dos índices de dissimilaridade calculados na escala das áreas de ponderação e para a escala dos setores censitários, a menor escala disponível. Os resultados apontam que São Paulo está entre as metrópoles com maior segregação racial, juntamente com Porto Alegre, Salvador e Campinas. Fortaleza e Recife apresentam os menores valores, com Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Curitiba ocupando posições intermediárias.

**Tabela 19 - Índice de Segregação Racial em Nove Metrôpoles Brasileiras (2010)**

RM	ID: AP	ID: Setores
São Paulo	0,27	0,33
Salvador	0,27	0,32
Campinas	0,26	0,33
Porto Alegre	0,25	0,34
Belo Horizonte	0,24	0,29
Rio de Janeiro	0,23	0,30
Curitiba	0,21	0,30
Recife	0,16	0,22
Fortaleza	0,14	0,21

Contudo, a despeito da variação no indicador geral mostrado na tabela 17, foi possível discernir que há um padrão recorrente de segregação por raça e classe nas nove regiões metropolitanas que parece constituir um padrão geral de segregação no Brasil. Em todas elas, verificamos um maior isolamento dos brancos de classe superior em um conjunto restrito de áreas nas localizações mais centrais e valorizadas, que são habitadas também por brancos de classe média, mas possuem baixa presença das classes baixas, negras e brancas. Ou seja, observamos brancos de classes alta e média em um lugar e pobres noutros. Os locais de maior concentração dos negros de classe alta e média apresentam maior variação entre as regiões metropolitanas. Em algumas delas estão mais próximos dos brancos ricos, em outras, estão mais próximos das periferias. Este último padrão ocorre em São Paulo, conforme verificamos neste livro, mas também em locais como Porto Alegre e Campinas, por exemplo. Esta tendência parece ser reforçada pelos próprios movimentos migratórios intraurbanos. Em França & Cunha (2020) fizemos uma análise das mudanças de local de residência na região metropolitana de São Paulo segundo grupos de raça e classe e notamos uma maior migração de negros para localidades periféricas independentemente da classe social.

Tais achados ensejam estudos mais aprofundados da formação e das transformações das periferias segundo a perspectiva das relações raciais. No período recente observamos fenômenos como o crescimento da reclassificação racial e da autoidentificação dos brasileiros como negros; e, num contexto de crescente heterogeneidade social das periferias urbanas, o afloramento de movimentos culturais que formulam e difundem uma “identidade periférica” que, mais do que uma alusão a um espaço, é também racial. Isso aponta para a construção de uma leitura que reflete sobre o periférico não apenas como espaços, mas principalmente como coletividades de raça e classe.

Todas as análises quantitativas presentes neste livro e nas publicações citadas acima derivam de dados do Censo de 2010, até agora o mais recente disponível. No Brasil, salvo raras exceções, os estudos sobre segregação são feitos a partir das bases de dados do Censo, que permitem análises espaciais em uma escala intraurbana. No presente momento, já deveríamos estar acompanhando debates acadêmicos sobre as mudanças na segregação na última década, com dados do Censo que deveria ter ocorrido em 2020, mas que só irá a campo neste ano de 2022. Este atraso na realização do Censo provocou um enorme vácuo de informações não apenas para os estudos de segregação, mas para vários outros campos de pesquisa. Aguardemos, então, os resultados do Censo de 2022 para

saber se o crescimento da pobreza e da desigualdade racial do período recente foi acompanhado pelo recrudescimento da segregação racial em nossas cidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANÇA, Danilo. *Atlas da Segregação Racial em Metrôpoles Brasileiras*. Campinas: Librum. 2022 (no prelo).

FRANÇA, D. S. N.; CUNHA, J. M. P. Migração intrametropolitana, raça e segregação na região metropolitana de São Paulo. In: *Anais do IX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población*, 2020.

